

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TEA**

### ***STORYTELLING IN THE INCLUSION OF CHILDREN WITH ASD***

### ***EL CUENTO DE HISTORIAS EM LA INCLUSIÓN DE NIÑOS COM TEA***

**Juliana de Jesus Souza<sup>1</sup>**

**Rosemary Lapa de Oliveira<sup>2</sup>**

**RESUMO:** A presente proposta é um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida no PPGEDUC/UNEB, dentro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de Histórias (GPELCH), e discute o Transtorno do Espectro Autista (TEA), na perspectiva da Inclusão e Contação de História. A pesquisa de natureza qualitativa propõe o método pesquisa-ação, na qual o pesquisador intervém no processo de inclusão de uma criança com TEA por via da Contação de História. A pesquisa contou com a seguinte questão problema: De qual forma a CH pode contribuir na inclusão pedagógica da criança com TEA? Para responder essa problemática, a pesquisa apresenta como objetivo geral: compreender o processo de inclusão das crianças com TEA. E através de objetivos específicos: discutir as teorias que tratam sobre TEA e Contação de História; Investigar como as crianças com TEA interagem nas sessões de CH; E, estudar o processo de inclusão da criança com TEA na sala de aula. Reunindo literaturas sobre essas temáticas, será possível verificar como a contação de histórias contribui no processo de inclusão dessas crianças. Nesse sentido, acabam sofrendo preconceitos, que nada contribuem no processo de aprendizagem. Como docente, é imprescindível buscar mudanças em práticas que afetem as crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** TEA. Inclusão. Contação de História.

**ABSTRACT:** This proposal is an excerpt from the master's research developed at PPGEDUC/UNEB, within the Research and Study Group on Reading and Storytelling (GPELCH), and discusses Autism Spectrum Disorder (ASD), Inclusion and Storytelling. Qualitative research proposes the action-research method, in which the researcher intervenes in the process of including a child with ASD through Storytelling. The research had the following problem question: How can storytelling contribute to the pedagogical inclusion of children with ASD? To answer the problem, the research presents the general objective: to understand the process of inclusion of children with ASD. And through specific objectives: to discuss the theories that deal with TEA and Storytelling; Investigate how children with ASD interact in CH sessions; And, to study the process of inclusion of children

---

<sup>1</sup> Juliana de Jesus Souza é estudante do curso de Mestrado na Universidade do Estado da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa GPELCH. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0003-9447-7546>. E-mail: [july.ba2009@hotmail.com](mailto:july.ba2009@hotmail.com).

<sup>2</sup> Rosemary Lapa de Oliveira é professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa GPELCH. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1165-8265>. E-mail: [rosy.lapa@gmail.com](mailto:rosy.lapa@gmail.com).

with ASD in the classroom. By gathering literature on these themes, it will be possible to verify how storytelling contributes to the inclusion process of these children. In this sense, they end up suffering prejudices, which contribute nothing to the learning process. As an educator, it is essential to seek actions that enable changes in practice and positively affect children.

**KEYWORDS:** ASD. Inclusion. Story Telling.

**RESUMEN:** Esta propuesta es un extracto de la investigación de maestría desarrollada en la PPGEDUC/UNEB, en el Grupo de Investigación y Estudio sobre Lectura y Cuentacuentos (GPELCH), y trata sobre el Trastorno del Espectro Autista (TEA), Inclusión y Cuentacuentos. La investigación cualitativa propone el método de investigación-acción, en el que el investigador interviene en el proceso de inclusión de un niño con TEA a través del Cuentacuentos. La investigación tuvo la siguiente pregunta problema: ¿Cómo puede contribuir el cuentacuentos a la inclusión pedagógica de los niños con TEA? Para responder al problema, la investigación presenta el objetivo general: comprender el proceso de inclusión de los niños con TEA. Y a través de objetivos específicos: discutir las teorías que tratan sobre TEA y Cuentacuentos; Investigar cómo interactúan los niños con TEA en las sesiones de CH; Y, estudiar el proceso de inclusión de los niños con TEA en el aula. Al recopilar literatura sobre estos temas, será posible verificar cómo la narración contribuye al proceso de inclusión de estos niños. En este sentido, acaban sufriendo prejuicios, que no aportan nada al proceso de aprendizaje. Como educador, es fundamental buscar acciones que permitan cambios en la práctica y afecten positivamente a los niños.

**PALABRAS CLAVE:** TEA. Inclusión. Narración.

**INTRODUÇÃO:** caminhos para a pesquisa

Um dos principais motivos da elaboração desta pesquisa assenta-se na crença de que as pesquisas científicas precisam contribuir de forma que a qualidade da educação aumente e o educador possa ser valorizado a partir do seu papel tão essencial na vida dos educandos. Quando se trata do processo de inclusão, como no caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e da Contação de História (CH), por suas possibilidades pedagógicas, isso ganha maior importância, uma vez que as pesquisas nesses dois campos são relativamente recentes e, quando se juntam os dois assuntos, quase inéditas. Por isso, ganham status privilegiado neste estudo.

Para construir a pesquisa de forma consistente, o estudo seguiu caminhos de uma pesquisa-ação, através de um projeto de intervenção com sessões de CH, em uma turma do 1º ano, ensino fundamental I, da rede municipal de ensino, contendo duas crianças diagnosticadas com TEA nível I. A pesquisa apresenta a

seguinte questão de pesquisa: de que forma a CH pode contribuir na inclusão pedagógica da criança com TEA? Através do objetivo geral, a pesquisa propõe, compreender o potencial da CH no processo de inclusão da criança com TEA. Essa pesquisa aborda várias nuances, pois a inserção na educação básica regular de crianças com TEA tem crescido exponencialmente. Também são objetivos: discutir as teorias que tratam sobre TEA e CH, em seus processos de inclusão mediante a CH; e, investigar como as crianças com TEA interagem nas sessões de CH.

A CH muitas vezes é confundida com a leitura de histórias e, por isso, acaba não tendo espaço nas instituições de ensino. Isso acontece porque contar histórias é uma arte e requer um conjunto de ações que precisam ser estudadas, mas que nem sempre são conhecidas por parte de educadores. Como confirmam Mary Arapiraca e Rosemary Oliveira (2019, p. 31), "a contação de histórias ainda é um tema que precisa ser mais estudado e desenvolvido em oficinas e cursos no intuito de formação de profissionais para a contação de histórias nos mais diversos ambientes". Enquanto a leitura demanda o objeto livro, a CH é do campo da oralidade, memória e performance, sendo essas suas principais diferenças.

As crianças com TEA podem apresentar diversas características, algumas podem enxergar detalhes visuais com muita exatidão, enquanto outras têm certa dificuldade para isso, outras podem ter memória muito boa, mais do que o esperado, enquanto outras não. Por isso, o estudo sobre esse tema se torna essencial, pois faz com que o pesquisador tenha um olhar sensível para com essas crianças e busque a contação de histórias como ação pedagógica para contribuir na constituição desses sujeitos. Nesse sentido, essas ações devem ser instauradas na instituição de forma que o sujeito seja visto como parte daquele ambiente e que produza a partir de múltiplos processos.

O interesse nessa temática parte da necessidade de contribuir para o processo de escolarização das crianças com TEA e a CH, considerando seu grande potencial. Quando se trata de crianças com TEA, ainda se pode perceber que há muito desconhecimento e marginalização por parte da sociedade. A despeito disso,

como atuante na educação, compreendo que é necessário estar preparada para lidar com as crianças que possuem deficiências, dificuldades intelectuais, transtornos, entre outros.

Poucos são os estudos relacionados ao TEA, Inclusão e CH, embora existam pesquisas acadêmicas que tratem dessas temáticas de forma isolada. Por isso, através deste estudo, reunindo literaturas sobre essas temáticas, foi possível aprofundar os estudos sobre a CH, TEA e inclusão.

Para discutir a CH e o TEA, foram tomados como embasamento teórico respectivamente: Coelho (1997), Arapiraca; Oliveira (2019) e Associação Mantenedora Pandorga (2010), DSM V.

#### **DESENVOLVIMENTO:** contação de história e transtorno do espectro autista

Nas instituições escolares, frequentemente as histórias são utilizadas e, por muitas vezes, é o primeiro contato que uma criança possui com um texto. Nesse sentido, é importante que essa prática seja realizada pelos educadores de forma regular, influenciando de forma positiva o processo de aprendizagem da cidadania, da oralidade, da interação e das relações psicossociais.

Todo educador carrega consigo os desafios do exercício, dentre eles está a necessidade de ver cada indivíduo como único e particular. Por isso, é preciso que a sua prática esteja ligada à sensibilidade para encontrar ferramentas que atinjam educandos. Levando isso para um campo mais específico que são as crianças com TEA, é preciso buscar estratégias e interfaces que possam afetar positivamente a vida e os modos de viver das crianças. Uma das interfaces apresentadas aqui é a Contação de História, a qual influencia diretamente na sensibilidade e subjetividade, por seu veio lúdico.

A história aquieta, serena, prende atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas,

provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias com as quais dialogar (COELHO, 1997, p. 12).

A autora ressalta alguns benefícios que a Contação de Histórias pode proporcionar, ressaltando que a partir das histórias, as crianças podem potencializar o seu imaginário, tornando-as mais criativas. Além disso, ouvir muitas histórias possibilita que elas passem a oralizar mais, fundamental para crianças muito tímidas e quietas e pessoas com TEA, as quais, modo geral, têm algum problema com oralização. É possível, através das narrativas, constituir cidadãos críticos, capazes de tomar decisões assertivas, pois através do que lhes foi contado, podem refletir e decidir caminhos entre o certo e o errado.

As crianças com TEA possuem dificuldades em imaginar situações, pois podem apresentar dificuldade no interesse de algumas atividades. Especialmente as que exigem compreender sensações, sentimentos, ou lidar com situações novas e diferenciadas. De acordo com a Associação Mantenedora Pandora (2010, p. 06), crianças com TEA podem:

- compreender e interpretar os pensamentos, sentimentos e ações das outras pessoas;
- prever o que vai acontecer em seguida ou o que poderia acontecer em seguida;
- compreender o conceito de perigo; por exemplo, que entrar correndo numa rua movimentada pode representar um perigo;
- envolver-se em jogos e atividades imaginativas: as crianças com autismo podem gostar de alguns jogos imaginativos, mas preferem representar toda vez as mesmas cenas;
- preparar-se para mudanças e planejar para o futuro;
- lidar com situações novas ou desconhecidas.

Crianças com TEA se constituem como um público diverso, pois possuem níveis e variações entre eles. Logo, a Associação apresenta características que podem ou não atingir a criança com TEA. Atualmente, o autismo está oficialmente intitulado como “Transtorno do Espectro Autista”, por meio do DSM-V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders). Através de três níveis, o DSM-V aborda os aspectos do TEA no nível um, sendo necessário suporte, pois as crianças apresentam dificuldade de interação, falas atípicas e comportamento inflexível. O nível dois necessita de um suporte maior, porque há mais dificuldades em

comunicação verbal e gestual e comportamentos restritos e repetitivos. E no nível três é necessário suporte muito substancial, pois a criança apresenta dificuldades severas em se comunicar, às vezes com fala inteligível e extrema dificuldade em lidar com mudanças.

É importante ressaltar que a imaginação não sofre necessariamente alteração. Muitas vezes a sua linguagem e forma de se comunicar e interagir pode ser expressada não necessariamente através da fala, mas também através de gestos, olhares, dança, desenhos e outros, pois toda e qualquer reação é uma forma de expressão, seja convencional ou não.

Nesse sentido, é importante que educadores se preparem bastante para quando assumir o papel de contar histórias. Betty Coelho (1997) ressalta a importância de conhecer a história que vai ser contada, ter segurança, naturalidade, confiança, intensidade e exercitar a criatividade. É importante que o educador, ao assumir esse papel, conheça bem o grupo ao qual as histórias serão contadas e tenha se preparado devidamente, para que a história não seja uma simples história, ou um contar por contar, ela precisa ter um objetivo, defende ainda essa autora.

#### **CONCLUSÃO:** ecos da Contação de Histórias na sala de aula

A pesquisa de Mestrado "A Contação de História na Inclusão da Criança com TEA" buscou compreender de que forma a CH contribui na comunicação e interação de crianças com TEA. Em busca de respostas, propôs um projeto de intervenção que permitiu sessões de Contação de Histórias, aproximando e incluindo as crianças em situações dialógicas no contexto da sala de aula, uma vez que todas as crianças participaram juntas de sessões de CH. Algumas das histórias contadas foram: O gênio da garrafa, Os Três Porquinhos e João e Maria. Sendo as primeiras histórias a serem contadas nas rodas.

As crianças com repertório infantil e imaginário deram vozes aos momentos de Contação de História e sujeitos com TEA participaram igualmente das histórias, produzindo a partir das histórias sentidos e aprendizagens.

A pesquisa desenvolvida se encontra em andamento, e distante de finalizar nessas considerações, pois, enquanto existirem contadores de histórias, ela irá reverberar com outros sujeitos e nos diversos contextos. Torcemos para que reflita especialmente nas salas de aula, a qual lida com pessoas tão importantes e diversas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAPIRACA, Mary; OLIVEIRA, Rosemary. *Contar Histórias em Espaços Formais e Informais de Aprendizagem*. Salvador: EDUFBA, 2019.

ASSOCIAÇÃO MANTENEDORA PANDORGA. *Aspectos Neurobiológicos do Autismo*. Rio Grande do Sul: Associação Pandorga, 2010.

COELHO, Betty. *Contar Histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1997.

AMERICAN PSYCHITRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM V*. Porto Alegre: Artmed, 2013.